

Egreja parochial de Nossa Senhora do Amparo de Bemfica

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

(Vid. pag. 97)

Voltando á estrada de Bemfica, logo acima da quinta das Larangeiras, mas do lado opposto, está a

Egreja do extincto convento de Santo Antonio da convalecença, que pertenceu aos religiosos capuchos da provincia de Santo Antonio. Teve principio em 1640 como casa de saude dos ditos frades, a qual chamavam *Convalecença*, nome que depois se acrescentou ao do convento, e que tambem se ficou alternando com o do sitio, que é o da *Cruz da Pedra*. O convento e egreja foram reedificados e augmentados em 1746. Pela extincção das ordens religiosas foi vendido o primeiro a João Gomes da Costa, que o transformou em uma casa nobre para sua residencia no verão, e da cerca fez uma bonita quinta, mais de regalo que de rendimento. Hoje é de seus herdeiros.

A egreja está bem conservada, e no exercicio do culto. O seu lindo cruzeiro de variados lavores vê-se ao presente dentro da quinta das Larangeiras, e proximo das grades quasi fronteiras ao templo. Fez acquisição d'elle o sr. conde do Farrobo durante o tempo em que a egreja, em seguida á suppressão do convento, esteve fechada, e como em abandono.

Proseguindo pela estrada, pouco mais adiante d'aquella egreja, e d'esse mesmo lado, encontra-se a

Quinta de A. Lodi. — É uma vivenda pequena mas linda, composta de excellente casa, curiosamente ornada; de jardins e bosque com uma grande lagôa, e muita variedade de objectos d'arte e construcções pittorescas, como estatuas, bustos, um museu, tanques, mirantes, casas de fresco, de banho, e de jogos, e uma ermida construida á maneira de uma cathedral gothica. Do segundo andar do mirante, que se ergue no fundo da quinta, sobre um grande lago, goza-se a vista de uma formosissima paizagem. Formam o centro do quadro as quintas e palacios da serenissima senhora infanta D. Isabel Maria, dos srs. marquezes de Fronteira, e do sr. Welhouse, e a egreja e cerca do extincto convento dominicano. Para a esquerda vê-se Lisboa como que espreitando os arrabaldes do cimo dos seus ultimos montes. Para a direita é tudo verdores d'essa longa cadêa de jardins e pomares que povoam o valle de Bemfica, limitando o horisonte d'esse lado a poetica serrania de Cintra. Em nossa opinião não ha nos suburbios de Lisboa perspectiva mais bella, aprazivel e pittoresca do que esta. [1]

[1] A gravura que publicámos a pag. 89 mostra apenas uma parte diminuta d'aquelle extenso e variadissimo panorama.

D'este sitio vae correndo a estrada de Bemfica, como até aqui, sempre por entre quintas e casas de campo mais ou menos ricas, até á egreja parochial. As mais notaveis por belleza de edificios e de jardins são as seguintes, pela ordem em que vão orlando a estrada:

Quinta do sr. João da Silva Carvalho. — Foi feita no seculo passado pelo negociante estrangeiro Moller, e ha poucos annos comprada e reedificada pelo digno par do reino acima nomeado, filho do benemerito conselheiro de estado José da Silva Carvalho, um dos fundadores da liberdade constitucional dos portuguezes em 1820, e um tambem dos que mais concorreram em 1833 para a restauração d'essa mesma liberdade, e do throno da sra. D. Maria II, e para a inauguração da nova era de progresso civilisador em Portugal. Singularisa-se esta quinta pela collecção magnifica de plantas exoticas que possue, e por um gabinete photographico perfeitamente organisado pelo proprietario, o qual cultiva com proficiencia este ramo da arte.

Quinta do Beau Séjour. — Esta graciosa residencia foi fundada ha uns treze annos pela fallecida viscondessa da Regaleira. A casa, que se vê representada em a nossa gravura, está construida n'aquelle gosto moderno, elegante e singelo, das casas de campo inglezas e francezas, a que os primeiros chamam *cottage*. Sobresae no jardim a todas as mais obras d'arte um soberbo leão de bronze, de proporções naturaes, e cinzelado com bastante perfeição, o qual está collocado sobre um pedestal de marmore. Pertence agora esta propriedade ao sr. barão da Gloria.

Quinta da Alfarrobeira. — Acha-se situada sobre o caminho que conduz ao logar do Calhariz, mas a poucos metros de distancia da estrada de Bemfica. Edificou esta magnifica propriedade, na primeira metade do seculo passado, para sua residencia, Frederico Ludovici, architecto do palacio real de Mafra. O palacio e capella estão construidos com aquelle estilo e riqueza que logo á primeira vista denunciam a epocha de D. João V, em que se erigiram. Sua alteza a infanta D. Isabel Maria, sendo regente do reino, na ausencia d'el-rei D. Pedro IV, foi passar n'esta quinta o verão de 1827 para se restabelecer de uma grave doença que tivera. Era então senhor d'esta propriedade um neto do fundador. Actualmente é do sr. Manuel de Campos Pereira.

Deixando de parte muitas outras quintas, dignas de menção se não fôramos um pouco apressados, chega-se á

Egreja de Nossa Senhora do Amparo, freguezia do logar de Bemfica. É a melhor egreja parochial dos arrabaldes de Lisboa. Foi construida no principio d'este seculo junto da egreja antiga, que era pequena e de mesquinha construcção, e que ainda existe ao lado da capella-mór da actual parochia. O novo templo é grande e magestoso. Decoram-n'o interiormente excellentes marmores de côres, polidos ou lavrados com bem acabadas esculpturas. Exteriormente é de uma architectura regular, de boas proporções, mas destituida de belleza. Falta-lhe no frontispicio para estar completo uma das duas torres dos sinos. Fizeram-se as obras á custa de esmolas. A frente da egreja está voltada para oeste, e o adro cae sobre a estrada real. A vista que damos em gravura foi tirada de umas terras d'além do rio que fertilisa e corta todo o valle de Bemfica. Este rio é o que vae banhar a cerca do extincto convento de S. Domingos e a quinta da sra. infanta D. Isabel Maria.

Um pouco antes de se chegar á egreja de Nossa Senhora do Amparo, junto ao chafariz de Bemfica, corre para o lado de oeste a estrada que vae dar ao logar de Calhariz, passando pelo sitio da Buraca, onde está a

Quinta da Buraca. — É uma linda vivenda, com boa casa e bonitos jardins, obra do fallecido negociante João Antonio Lopes Pastor. Durante a penosa enfermidade que poz termo, na Ilha da Madeira, á existencia de S. A. I. a sra. D. Maria Amelia, foi esta princeza, em companhia de sua augusta mãe, procurar algum lenitivo em seus padecimentos n'esta quinta de singular amenidade e socego.

No logar de Calhariz, pequena povoação com sua ermida, situada em terreno elevado, e de mui salubres ares, acha-se a

Quinta chamada vulgarmente do Peres, porque foi um negociante d'este appellido quem a fez, ou ampliou e aformoseou no primeiro quartel d'este seculo. É uma rica propriedade, tanto pela nobreza dos edificios, disposição e ornatos dos jardins, e corpulencia das arvores silvestres que a assombram, como pela sua extensão, e pela abundancia e variedade das suas producções. Pertenceu ao barão de Rio Tinto, que lhe fez consideraveis melhoramentos. Hoje é do sr. José Iglesias, abastado commerciante e capitalista d'esta cidade.

O palacio d'esta quinta serviu de residencia a sua alteza a sra. infanta D. Anna de Jesus Maria, e ao sr. duque de Loulé, então marquez, depois do seu consorcio desde novembro de 1827 até 3 de fevereiro de 1828, em que partiram para o estrangeiro. [1]

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

UM HOMEM FUNESTO

Barnabé Pinto da Fonseca, moço bem parecido e trajando com muito primor, era tido entre os rapazes de Lisboa, no anno de 184..., pouco mais ou menos, por modelo de elegantes no vestir e no modo de se apresentar.

Tinha elle sua poisada no hotel da Europa, onde se banqueteava com amigos que eram mancebos da mais escolhida sociedade. Nenhum d'elles, porém, lograva atinar com as verdadeiras razões que a Lisboa o prendiam, posto que muitos, ajuizando do que poderia ser, affirmavam umas vezes que era coisa de paixão amorosa, outras que motivos occultos o retinham na capital.

Eram as damas quem mais fallava de Barnabé; e todas á uma ambicionavam que lh'o designassem quando no theatro ou em outro publico ajuntamento apparecia a deshoras.

Ferviam então commentos ácerca dos seus mais insignificantes adornos, e a maior parte se accordava em que era mui esbelto de sua figura, e prendado de fino gosto no tocante ao trajo.

Não me é dado affirmar se era justa a opinião em que os dois sexos tinham Barnabé, nem isso é de grande monta para o que d'elle se me offerece a dizer.

Barnabé era filhote de um logarejo de ao pé de Aveiro, sotoposto á estrada que de Mogofôres leva para aquella cidade.

O pae, que tinha a mania de consagrar á vida ecclesiastica todos os filhos, mandou Barnabé para Aveiro estudar latim, no intuito de mais tarde seguir o curso das sagradas letras.

O rapaz, nos primeiros tempos, empenhou-se devéras em dar boa conta de si, e colheu fama de esperto entre os condiscipulos, manejando a primor as linguagens, e sobreexcedendo a todos no conhecimento das regras de syntaxe.

Um dia, porém, fitaram-se n'elle mais de manso os

[1] Dissemos a pag. 99, tratando do palacio dos srs. marquezes de Fronteira, que o grande painel da *sala das batalhas* representava o retrato de D. Fernando de Mascarenhas, primeiro conde da Torre. Foi equivoco. Esse retrato é de D. João de Mascarenhas, segundo conde da Torre, e primeiro marquez de Fronteira.

lindos olhos de uma tricana, tão rica de formosura, que difficil era resistir-lhe. Barnabé deixou-se ir atraz dos clarões deslumbrantes irradiados das negras pupillas, que nem as ramalhudas e umbrosas pestanas tinham força de enfraquecer. Amou e logrou ser amado.

Chegou ao pae noticia das larguezas em que o rapaz se dispendia para trazer a tricana bem adornada; e logo escreveu ao filho a determinar-lhe que volvesse prestes á terra natal. Barnabé, por esta intimação, deixou a rapariga, que ao tempo andava a queixar-se de dores de peito, e partiu-se de Aveiro, levando o coração dorido e saudoso da quadra em que o amor pela primeira vez lhe sorria.

Chegado á casa paterna, Barnabé começou a andar triste e meditabundo. Recolhia tarde, e encontravam-n'o de manhã vestido na cama. Isto no fim de tempos veiu a ser percebido pelo pae, que, com ser lavrador, nada tinha de pêco. Recêioso de que a insistencia do filho em apartar-se do trato da gente, viesse a dar em molestia de perigo, o bom do velho tomou-o de parte e fallou-lhe d'este teor:

— É mister pôr fim á tua mania. Não foste a Aveiro para lá andar na trêla de mulheres, nem determinei que regressasses a nossa casa para levares vida de mandrião. Quando d'aqui saiste logo disse que não levavas os estudos ao cabo. Se tu em pequeno parece que já tinhas o diabo no corpo! A ama que te criou, na falta d'aquella que Deus tem, não fazia senão dizer que ninguem te podia aturar, que eras a criança mais inquieta e buliçosa que nunca vira. Contava ella que não adormecias ao seu cantar, e que muitas vezes acordando de subito, por horas mortas da noite, via á cabeceira do teu berço uma cabra esbranquiçada, que se sumia por encanto apenas ella abria os olhos. Desde pequeno que és mal visto por todos de casa. Teus irmãos não gostavam de ti, e toda a gente do logar, quando soube que ias para Aveiro, dizia que não havias de saír ao resto da familia, porque tinhas nascido em má hora, e que a cabra que apparecia ao pé de ti era o diabo, que te havia de encaminhar sempre mal, porque entrára no teu espirito. Vaes agora para Coimbra, proseguiu o lavrador, e espero que olhes mais para livros do que para mulheres.

Ordenadas as coisas, e provido de matalotagem para o caminho, partiu Barnabé em direitura da Athenas portugueza, onde entrou ao anoitecer.

Foi-lhe dado agasalho em casa de um violeiro, que era do mesmo logar do pae de Barnabé, amigo d'este, e de pequeno criado em Coimbra, onde a final aprendêra o officio e casára mais tarde.

Recebeu o filho do lavrador acolhimento mui cordial do violeiro, e logo n'essa noite ceou em companhia da modesta familia do artifice, que consistia da mulher e de tres formosas posto que debeis meninas.

Poucos dias eram volvidos, quando Barnabé recebeu carta de Aveiro, em que lhe era dada a noticia da morte da tricana.

Contava o amigo que lá deixára, auctor da carta, que a doente peorara com a separação, e que o medico indo vêl-a no dia immediato ao da partida de Barnabé, a havia declarado phtysica em ultimo grau.

Ficou o moço mui contristado com a nova, e deixou-se vencer de tristuras, que o traziam alheado dos deveres escholares e da propria pessoa.

Este periodo, porém, teve o seu termo, e o estudante sentiu abrir-se-lhe o coração aos effluvios do novo amor que lhe inspirava a filha mais velha do hospedeiro.

É triste levantar sobre um tumulo, apenas cerrado, os alicerces de outro affecto. Sei que a leitora está dizendo comsigo que outra coisa não esperava, e que os homens não sabem dar trégoas á actividade do coração.

Cumpre-me repellir esta infundada imputação, dizendo, que as proprias mulheres tem a culpa da versatilidade do caracter do homem; por quanto este, se ás vezes se esquece de uma, é para se lembrar de outra, e assim não cessa de lhes prestar seu preito, antes com fugir d'esta para aquella dá a entender que não póde viver só.

Não sei contar como Barnabé e Laurianna deram em extremos de amor. O que posso é affiançar-lhes que teriam casado, se a morte não roubasse Laurianna ao prospero futuro que o estudante lhe promettia.

Extinctos os ultimos restos do sentimento causado pela perda de Laurianna, voltou-se o estudante para a outra filha do violeiro. Amavam-se havia já mezes, quando uma bronchite aguda poz fim aos dias da infeliz menina.

Recobrou-se Barnabé da nova afflicção, e entrou a cortejar Clementina, unica das tres irmãs que restava.

Era ella mui dada a ternuras, e sempre tivera por Barnabé muita predilecção, pois que lhe eram desconhecidos os sentimentos que o haviam ligado ás irmãs defunctas. Facil lhe foi portanto incendiar-se nas chammas do affecto que o estudante não perdia ensejo de alardear.

Passavam os dois enamorados infinitas horas a contar um ao outro o modo por que se haviam de gozar do ceo que para elles estava sorrindo.

Barnabé ia ás aulas todos os dias, e dedicava o resto do tempo á affeição que o prendia a Clementina.

Digam o que quizerem. Gritem que ha mortes demasiadas n'esta historia, e que isto é inverosimil. Pela minha parte estou que o não é. Pois haverá nada mais natural que uma familia doente, cujos descendentes, tocados do mal dos seus progenitores, se vão finando pouco a pouco? Quantos exemplos ha da morte ter arrebatado familias inteiras, sem que a sciencia logre salval-as?

Um dia Clementina começou a queixar-se de umas dores de cabeça. A mãe, que era extremosa por esta filha, teimou em que fosse deitar-se. Annuiu a moça, e como fosse por diante o incommodo, chamou-se o medico.

A este tempo já Barnabé andava como que desorientado. A morte successiva das duas irmãs, e a da desgraçada que tinha deixado em Aveiro, afiguravam-se-lhe ser obra d'elle. As palavras que o pae lhe dissera na despedida, tinha-as profundamente impressas na memoria, e cotejando-as com o acontecido, passavam-lhe pela mente receios de ser pernicioso o seu contacto, e funesto o coração ás pessoas a quem o abria.

Envelheceu. Cavaram-se-lhe as faces, amorteceu-se-lhe o brilho dos olhos, fugiu-lhe a côr do rosto, e deixou-se vencer por tal arte de medonhas apprehensões, que appareceu mui outro do que até alli tinha sido visto.

Estava Clementina, havia já uns quinze dias, de cama sem melhorar, quando Barnabé se decidiu a interrogar o medico.

Quiz o doutor illudir a pergunta, receoso de causar anticipadas dores; mas tornando-lhe Barnabé que não era pessoa da familia, confessou então que a doente se achava em estado perigoso, e que difficilmente poderia ser salva.

Realisaram-se as previsões do Esculapio, e Clementina teve a mesma sorte das irmãs.

O estudante abandonou então os livros, deixou a casa do violeiro, e dirigiu-se ao logar do seu nascimento. Quando se apeou do cavallo, foi-lhe dada a nova do fallecimento do pae, que havia sido enterrado na vespera.

Barnabé penetrou em casa da familia, e caíu nos braços dos irmãos. Contaram-lhe estes que o pae tinha fallecido de uma apoplexia. A nova não o perturbou. Sentou-se com ar sombrio e sem articular pa-

lavra. Não havia já morte que commovesse o infeliz Barnabé.

Deram-lhe uma carta que trazia o timbre do correio ultramarino. Abriu-a. Vinha do Brasil, e era assignada pelo procurador de um seu tio e padrinho, que estava estabelecido n'aquelle imperio havia muitos annos. Legava elle por sua morte ao afilhado todos os bens. Dava o procurador conta do fallecimento do tio e padrinho de Barnabé, e prevenia-o de que fosse a Lisboa para se habilitar a fim de receber a herança.

Apertou Barnabé as mãos na cabeça, e convulso amarrotou a carta com gesto de desesperado.

Mas não disse nada. Levantou-se, pegou no chapeo e encaminhou-se para a porta.

— Onde vaes, Barnabé? Que diz esta carta? — clamaram á uma os orphãos do lavrador.

Barnabé endireitou-se, e em voz cava proferiu as seguintes palavras:

— Parto para Lisboa, e de lá Deus ou Satanaz determinará para onde. Eu já não sei d'esta existencia. Onde vou levo commigo a morte. Esta carta é do procurador de meu padrinho; dá-me noticia da morte d'elle, e diz-me que vá á capital recolher o que me deixou.

Dito isto, saíu pela porta fóra.

Estamos no ponto em que foi começada esta mui verdadeira historia. O estudante levava os espinhos do remorso no coração. Quando avistava uma mulher fechava os olhos. Era-lhe odioso tudo o que lhe podia recordar a rapariga de Aveiro, Laurianna, Clementina, a outra irmã, o pae, e por fim o padrinho. A sua vontade era não ver ninguem, e com este fito se deixou ir até Lisboa, sem despregar a vista das orelhas da cavalgadura em que ia montado.

Nada ha mais propicio a dar energia a um espirito caído em terra do que a mudança de ares, de costumes e de logar. Barnabé levava na alma muitos pezadumes, e sentia a tristura de muitas afflicções. Calava, mas ia vergado á carga da grande somma de pezares que lhe despertava a lembrança de tantas desgraças.

Chegado a Lisboa, sempre triste e merencorio, tratou de se inteirar na fórma de entrar na posse dos bens que o tio lhe havia deixado. Foi-lhe isso facil, pois ia munido da certidão do baptismo, e mais documentos necessarios.

O trafegar requerido pelas exigencias da habilitação, se não logrou alliviar Barnabé das suas magoas, conseguiu entretanto trazêl-o mais aligeirado do peso d'ellas.

O advogado a quem Barnabé se dirigiu por conselho do dono da hospedaria a que foi poisar, era um jurisconsulto ainda moço, favorecido de talento mas não dos bens da fortuna. Quando veiu no conhecimento de quem era Barnabé, e do que o trazia a Lisboa, começou de se mostrar lhano e obsequiador, e foi logo seu pensamento captivar por esta arte o moço, e realisar o projecto que as circunstancias em que elle se achava lhe haviam suggerido como o melhor, para se descartar de uma das irmãs que o sobrecarregavam com o sustento e mais adminiculos.

Com estas vistas entrou o letrado a dar a Barnabé conselhos, que todos se cifravam n'isto: que o melhor era dar ao diabo tristezas; que elle não ganhava nada com se mortificar, e já que tinha vindo a Lisboa, e era senhor de tão grande herança, devia entrar em vida condigna de si, e dos bens com que a fortuna o dotára.

O caracter de Barnabé era frouxo. Nem Aveiro nem Coimbra lhe poderam dar aquella fortaleza varonil, que mui naturalmente entra no peito do homem quando se vê apartado dos seus, e tem a certeza de que é unico e sem ajuda a pugnar contra os tropeços da vida.

O bacharel conseguiu resolvel-o a mudar de poisada, e Barnabé hospedou-se, como disse, no hotel da Europa.

Em quanto corria com a habilitação, o advogado prestou a Barnabé, ou antes, obrigou-o a acceitar varias quantias. Fez mais. Andou com o moço por casas de alfaiates e mais artifices que se encarregam de nos transfigurar, tudo com o fim de o desviar dos tristes pensamentos que o affligiam.

Vestido Barnabé, deu-lhe a entender o advogado que muito folgaria de o apresentar a suas irmãs. Rejeitou Barnabé o offerecimento, mas não póde esquivar-se com razões que o advogado não destruisse logo. Foi tratado entre ambos que este o viria buscar n'esse mesmo dia á noite. Não faltou o advogado, e Barnabé acompanhou-o.

As irmãs do sr. Jacintho de Barros, tal era o nome do bacharel, receberam o moço, conforme lhe havia dito o irmão, com muitos carinhos e calor de simulada amizade.

Barnabé conservou-se toda a noite dominado da sua habitual tristeza, fallou pouco, e apenas respondeu ás perguntas que as irmãs do doutor Jacintho lhe dirigiram.

No fim da noite, depois de Barnabé se haver retirado, ao dobrar do *crochet*, as meninas Barros discutiam n'estes termos a pessoa do meu heroe.

— A fallar verdade, Nini, dizia Rosalina, o novo amigo do nosso mano Jacintho não me pareceu tão interessante como elle o quiz pintar.

— E tens razão, redarguiu Eugenia, não deu palavra em toda a noite.

— De mais a mais, atalhou Angelica, sempre que olhava para nós córava.

— Tambem tu, Bibi, lhe tornou Carlota, imaginas que todos os homens córam.

— Cá por mim, disse Ermelinda, não o vi córar; e, ao contrario das manas, pareceu-me muito bem. É airoso, e não se me figurou que seja tolo.

— Que admira isso, retorquiu Rosalina, se tu sempre assim foste, facil e precipitada em teus juizos.

— Serei, mas poucas vezes me engano.

— Se vaes por esse caminho, pouco te falta para estar apaixonada pelo sr. Barnabé.

— Descança que não ha de ser como tu dizes.

As irmãs do advogado eram pouco mais ou menos o que lhes vou dizer. Viviam com decencia, posto que mui parcamente. A espectaculos raras vezes iam, e só se gozavam das festas gratuitas que Lisboa, como todas as grandes terras, proporciona á gente pobre. Não faltavam no passeio de tarde; e tambem a ver as procissões, por convite de pessoas da sua amizade. Conheciam a sociedade pelos livros, e ajuizavam dos esplendores d'essa roda chamada primorosa pelo que liam nos folhetins e romances de Cesar Machado. A imaginação d'ellas estava portanto em continua laboração, e em activo exercicio as faculdades da alma. Como eram pobres, embora formosas, perceberam que teriam de namorar os homens em vez dos homens as namorarem a ellas, e começaram, cada uma por sua parte, a fazer diligencias por captivar algum mortal que podesse emancipal-as da obscuridade e monotonia do seu viver.

As mulheres, quando não são requestadas, envergonham-se de si mesmas, e adquirem certas asperezas de genio que concorrem para que o seu trato seja menos agradavel e cobiçado.

Á excepção de Ermelinda, todas as meninas Barros estavam n'estas circunstancias. Não porque Ermelinda pensasse de fórma diversa das irmãs, mas porque o seu caracter mais reflexivo, a conduzia naturalmente a regiões mui diversas. Ambicionava a independencia, doía-lhe no coração a idéa de ser pesada a Jacintho; mas a dignidade de mulher, este principio por que se

deve reger o sexo fragil, se não quizer despenhar-se do alto da sua natural superioridade, reprimiu as cogitações e anceios despertados pela lembrança do matrimonio.

As irmãs de Ermelinda haviam empregado mal as primicias do seu amor. Uma namorou o guarda-livros de uma casa de negocio ingleza; outra um tabellião, homem desageitado e grosseiro, que a escarneceu quando ella lhe deu conta das suas aspirações e legitimos desejos. As restantes tiveram egual sorte, e viram murchar-se as fragrantes flores do seu espirito, tocadas pelo bafo pestilento de alguns homens que lhes pediram a deshonra como a mais energica prova do seu amor.

Barnabé não deixou d'ahi por diante de frequentar a casa do advogado. Este, tanto tratou de o distrahir, que conseguiu, pelo menos apparentemente, desviar o moço da lembrança do passado. Pela sua parte Barnabé, entregue ao cultivo das ephemeras affeições que a fama do seu dinheiro, e a gentileza do seu porte tinham a força de excitar, deixava-se escorregar pelo declivio dos prazeres, cego, atordoado, ávido, faminto do que não gozava, e atediado de tudo que lhe podia ser proporcionado pelas suas posses.

Cobrada a herança, entrou o moço n'este viver de Lisboa, que, apesar de ruidoso, não passa além de duas ou tres conquistas faceis, e quando muito de algum desafio, para o que os contendedores anticipadamente combinaram o modo de se ferirem.

Passeava ao tempo na capital uma senhora que a



Quinta do Beau Séjour — Vid. pag. 106

todos trazia enleiados e captivos de sua muita formosura. Disputavam-n'a á competencia varios mancebos dos mais pecuniosos e illustres da capital: mas D. Henriqueta de Carvalho, que era viuva e adestrada em manejar o espirito, a todos repellia, concedendo porém a cada um o que era necessario para manter ligada a cadêa de seus numerosos adoradores.

Alistou-se Barnabé n'esta ala de namorados, e em pouco logrou o dobro do que até alli haviam conseguido os seus rivaes.

Uma noite em que Barnabé, vindo do theatro pela rua de S. Francisco, recolhia ao hotel, acercou-se d'elle uma velha que lhe entregou uma carta de Henriqueta. Abriu-a Barnabé pressuroso, e viu que continha as seguintes palavras:

«Não sei para que insiste. Nem eu sou formosa como diz, nem o meu coração está agora disposto a abrir-se á affeição que me propõe. Os homens são assim. Rojam-se com lagrimas aos pés da mulher, e afastam com dureza as que os estimam devéras. Que tem feito a quem o amou com tão entranhado affecto, como diz ser o que lhe inspirei? Se eu fosse má, ousaria n'este momento de egual proceder. Quero porém ser generosa, ou antes sou-o, por necessidade, porque nem o genio me pede vingança, nem a causa do meu sexo é motivo bastante para pelejar em campo de represalias. Póde visitar-me ámanhã depois da uma hora. Escuso dizer-lhe que esta concessão tem sua causa na promessa que fez de me conduzir ao altar.»

Henriqueta de Carvalho.

Não absorveu este triumpho por tal modo o espirito de Barnabé que o levasse a esquecer as irmãs do bacharel; pelo contrario, continuou a visital-as com a mesma assiduidade. Accommettiam-n'o muitas vezes as fataes reminiscencias das filhas do violeiro e das outras victimas; mas o desgraçado não tinha a força de impor a si mesmo a immobilidade de sentimentos que era necessaria para não promover o infortunio dos outros.

Quando percebeu que lhe não eram indifferentes os encantos de Ermelinda, e que elle mesmo lhe agradava, tremeu de medo, e protestou evitar a casa do seu amigo Barros, e as proprias irmãs, se alguma vez as encontrasse na rua.

Tudo isto porém foi inutil. Barnabé não era homem que podesse ter o coração em férias.

Tomou a resolução de escrever a Ermelinda, e de lhe contar tudo. A moça respondeu a Barnabé que lhe queria muito desde o primeiro dia em que o víra, e que a sua continua presença não fizera senão augmentar em muitos quilates o fervoroso culto que lhe consagrava. Acabava Ermelinda a carta, convidando-o a que fosse pedil-a, e instando-o para que désse breve este passo.

(Continúa) MATHEUS DE MAGALHÃES.

O FORTE DE LIPPE

I

Corria o anno de 1761, a 15 de agosto celebrou-se entre o rei christianissimo e o rei catholico o *Pacto de Familia*, a que el-rei D. José não quiz adherir. [1]

Permanecendo fiel á alliança ingleza, correu todos os riscos da guerra que no anno seguinte declararam a Portugal a França e a Hespanha. [2]

Mal preparados estavamos nós então para resistir a tão formidaveis inimigos. Não tinhamos exercito; as praças achavam-se demolidas, os arsenaes desprovidos; quarenta e oito annos de paz haviam-nos amortecido os antigos brios, e, quando os despertasse o patriotismo, careciamos de quem os soubesse aproveitar e dirigir. [3]

Começou a campanha de 1762 debaixo da direcção do conde de Oriola barão de Alvito; por intervenção, porém, de Jorge II de Inglaterra, encarregou-se de commandar os exercitos alliados, portuguez e inglez, o conde Guilherme de Schaumburg Lippe, sendo elevado a feld-marechal do inglez, e a marechal-general do portuguez. [4]

Compunham-se os exercitos de nove mil homens de tropas nacionaes, pouco disciplinadas, e de seis mil inglezes, que obedeciam de mau grado.

E tinham em frente quarenta mil hespanhoes commandados pelo conde de Aranda, com officiaes experimentados nas guerras de Italia, além de um corpo auxiliar de doze batalhões francezes ás ordens do principe de Beauvau. [5]

Com tal desproporção de forças, era indispensavel que a estrategia supprisse a deficiencia das portuguezas e inglezas.

O marechal-general conde de Lippe achou o theatro da guerra já estabelecido na provincia da Beira; viu-se, por isso, obrigado a cogitar, não de um plano geral de defesa, ou de uma primitiva disposição militar de nossas forças, que, influindo sobre a determinação das primeiras operações do inimigo, nos facilitasse a possibilidade de correr promptamente a atalhar o seu progresso por qualquer parte, por onde pretendesse invadir-nos, mas sim de um plano o mais proprio para impedir que elle chegasse a effectuar a conquista do reino, pelo caminho que tinha escolhido. [6]

E foram tão sabiamente combinadas as suas operações, que não só atalhou o progresso do inimigo, com maior damno seu do que nosso [7], mas até o obrigou a desistir do seu começado ataque, a evacuar a maior parte da provincia, e a variar o seu projecto de conquista. [1]

Tu, pequeno Mação, foste a barreira,
Onde confuso, com eterna injuria,
Da arrogante carreira
O hispanico leão quebrou a furia. [2]

Por modo tão feliz como inesperado terminou, este anno, a campanha, assignando-se, a 10 de fevereiro do seguinte, o *Tratado de Paz* entre França, Portugal e Hespanha. [3]

II

Aproveitaram-se os primeiros momentos depois da paz em crear um verdadeiro exercito.

O conde de Lippe emendou radicalmente os defeitos da nossa antiga tactica; mudou inteiramente a nossa constituição militar, adoptando os principios da constituição prussiana, cujo regulamento resumido nos foi dado por lei e norma; melhorou consideravelmente a nossa artilheria, e lançou, tambem, as suas vistas sobre as nossas praças de guerra. [4]

De todos os projectos militares d'este illustre general, que, entre nós, chegaram a realisar-se, um dos mais dignos de seus vastos conhecimentos na arte da guerra, e mais permanente pela sua natureza, e aquelle a que a nação agradecida devia, por consequencia, vincular o seu nome, como effectivamente vinculou, foi o Forte de Lippe.

Esta fortaleza, destinada a fazer respeitavel a praça d'Elvas, a mais importante da provincia do Além-Tejo pela sua posição, e que sem ella seria absolutamente inefficaz para a defesa da mesma provincia, foi projectada por sua alteza [5], e a construcção confiada a M. Étienne, official de mui distincto merecimento.

Necessitou, porém, o conde que M. Étienne lhe fosse dirigir em Allemanha a construcção da fortaleza de Wilhelmstein, e para o substituir na do forte de Lippe escolheu M. Valleré.

Era este official, sem a minima duvida, o mais capaz de encarregar-se d'esta commissão importante; e, em verdade, não só continuou a construir o forte de Lippe segundo os planos approvados pelo principe, mas fez-lhes diversos additamentos, que concorreram para tornar aquella fortaleza muito mais apta para o fim a que era destinada.

Quizeramos descrever estes additamentos, que são os que mais louvam e admiram os intelligentes, e particularisar todas as bellezas d'esta obra prima de architectura militar; fallecem-nos, porém, as habilitações para o fazermos condignamente.

O que nos deu mais nos olhos, quando visitámos esta famosa cidadella em junho de 1856 [6], foi o seu reducto acastellado, que M. Valleré collocou no centro do forte, construindo n'elle armazens para munições de boca e de guerra; a cisterna que fornece agua em abundancia, por seis mezes, a uma guarnição de seis mil homens; a egreja, cujas tribunas tambem são feitas para n'ellas se pôr artilheria, que defenda as

[1] *Compendio das epochas e successos mais illustres da Historia Geral* por Antonio Pereira de Figueiredo, pag. 342.
[2] *Historia Moderna, da Edade Media, e de Portugal* no *Compendio de Historia para uso das escholas* por João Antonio de Sousa Doria, vol. II, pag. 125.
[3] *Histoire de la guerre d'Espagne et du Portugal*, etc. par le général Foy, tom. II, pag. 292.
[4] *Revista Universal Lisbonense*, tom. V, pag. 548.
[5] *Histoire de la guerre d'Espagne et du Portugal* l. cit.
[6] *Cartas ao auctor da Historia Geral da Invasao dos francezes em Portugal*, etc. por Francisco de Borja Garção Stockler, pag. 15.
[7] *Epitome Lusitanæ Historiæ studio et opera Hieronymi Suaresii Barbosæ*, pag. 289.

[1] *Résumé de l'Histoire de Portugal*, etc. par Alphonse Rabbe, etc. pag. 387 (3.ª edit.).
[2] *Odes Pindaricas Posthumas de Elpino Nonacriense*, Ode XXIV.
[3] *Compendio das epochas*, etc. l. cit.
[4] *Précis Historique sur l'état militaire du Portugal* no *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et Algarve* par Adrien Balbi, tom. II pag. 340.
[5] O conde de Lippe foi, entre nós, elevado á dignidade de principe de sangue com o tratamento de alteza. Em todo o tempo que serviu em Portugal, não quiz nunca soldos nem gratificações; voltando, porém, aos seus estados, presenteou-o el-rei D. José com uma pequena bateria de artilheria, sendo os canhões de oiro macisso, pesando cada um trinta e duas libras, montados em reparos de ébano, chapeados de prata. E, além d'isto, deu-lhe um botão e prezilha de brilhantes para o chapeo, e o retrato real, tambem cercado de brilhantes.
[6] Vid. *Viagem de Portalegre a Elvas e Badajoz* publicada nos n. 3264 e 3265 da *Naçao*, de 29 e 30 de setembro de 1858.

quatro portas que para ellas dão entrada: e sobre estes edificios, a casa do governador, singular pela sua bem entendida architectura, e pelo gosto e riqueza dos estuques que adornam o seu interior.

Do cabedal que se dispendeu com esta obra magnifica, nos deixou miuda informação a douta filha de quem a dirigiu, D. Maria Luiza de Valleré, em uma das suas notas ao *Elogio Historico* de seu illustre pae, o tenente general Guilherme Luiz Antonio de Valleré, escripto pelo sabio academico Francisco de Borja Garção Stokler. [1]

Começou a construcção em julho de 1763; até principio de 1777 custou 734:890$174 réis; desde o anno de 1778 até ao de 1792 custou 32:308$865 réis: total 767:199$039 réis.

III

M. Valleré teve a satisfação de ouvir a el-rei D. José as mais graciosas palavras de approvação, quando em setembro de 1769 foi pessoalmente visitar o forte de Lippe.

Tambem visitou esta fortaleza o principe de Waldeck, reputado como um dos mais esclarecidos apreciadores de similhantes construcções; e não só a achou admiravel, mas não duvidou conceitual-a como uma obra prima de architectura militar, superior a tudo quanto elle tinha visto n'este genero, segundo affirma Link. [2]

Visitaram o forte de Lippe os engenheiros francezes, empregados no serviço de Inglaterra, que acompanharam o general Stewart na inspecção das fortalezas e reconhecimento das fronteiras de Portugal. [3]

Visitou o forte de Lippe o celebre Maturana, brigadeiro hespanhol, chefe do corpo de engenheiros em Sevilha, considerado pelos seus compatriotas como um official distinctissimo.

Achava-se em Badajoz, no fim do anno de 1808, quando os francezes evacuaram o forte de Lippe. Aproveitou o ensejo de ver aquella fortaleza, que excitou sempre a curiosidade e o ciume dos nossos visinhos, e cuja entrada fôra, até essa epocha, vedada a todos os estrangeiros que não estivessem ao serviço de Portugal.

Parou embevecido na contemplação d'este soberbo monumento; causou-lhe tamanha admiração esta obra prima de architectura militar (quasi que tambem se póde dizer obra prima de architectura civil, pela belleza da casa do governador), que o achou muito proprio para n'elle se estabelecer uma eschola, onde os jovens engenheiros, depois de imbuidos nos conhecimentos theoricos, viessem adquirir os praticos, por se achar alli reunido tudo quanto havia mais notavel em fortificação, e até muitas obras que não eram conhecidas em systema algum, e que concorriam para que se reputasse quasi inconquistavel. [4]

Folgariamos, que fosse adoptado o alvitre do sabio general; se o fosse, não augmentariam, por ventura, as ruinas de algumas dependencias do forte de Lippe, que já eram grandes quando o visitámos. Affirmou-nos pessoa competente, que os reparos já então indispensaveis importavam em algumas dezenas de contos de réis.

A sra. D. Maria I, mais piedosa do que agradecida aos relevantes serviços do conde de Lippe, esbulhou este general da posse em que esteve, por muitos annos, da bem merecida gloria de haver dado o seu nome a este celebre monumento.

[1] *Éloge Historique de Guillaume Louis Antoine de Valleré*, lu *à la séance publique de l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, le 20 janvier 1798*, par François de Borgia Garcão Stockler, etc. — *Publié de nouveau, avec des Additions et des Anecdotes sur sa vie, etc. par* M.lle de Valleré, sa fille, pag. 50.

[2] *Voyage en Portugal, depuis 1797 jusqu'en 1795*. Tom. I, p. 174.

[3] *Histoire de la guerre d'Espagne et du Portugal, etc.* Par le général Foy, etc. tom. II, pag. 149.

[4] *Jornal de Coimbra*, n. 33. pag. 149.

Pouco depois de haver subido ao throno, ordenou que o forte de Lippe se denominasse de Nossa Senhora da Graça, por haver existido n'aquelle sitio com esta invocação uma ermidinha.

É certo, porém, que no povo d'Elvas, e no da provincia do Além-Tejo, onde esta fortaleza é mais conhecida, tem permanecido a denominação primitiva, reservando-se a prescripta pela rainha para a correspondencia official entre as repartições do estado e o governador do forte.

F. A. R. DE GUSMÃO.

PALACIOS REAES DE LISBOA EM 1584

(Conclusão. Vid. pag. 101)

El-rei D. João II assistiu alternativamente nos *paços da Alcaçova*, e nos de *Santos*. Ha bom fundamento para suppor, podêmos dizer quasi certeza, que os *paços de Santos* começaram por uma casa de campo mui pequena, contigua ao convento das commendadeiras de Santiago, intitulado de *Santos*, na qual casa D. João II, sendo ainda principe herdeiro, ia de vez em quando passar algum tempo. Depois de rei, fez mudar as commendadeiras primeiramente para os paços da Moeda, e depois para o novo convento que lhes construiu no lado opposto da cidade, a pouca distancia do valle de Xabregas, e que se denominou *Santos Novos*, ao diante *Santos o Novo*, ficando ao outro o nome de *Santos Velhos*. Succedeu isto pelos annos de 1490. Do convento antigo fez palacio, annexando-o á dita casa, e da egreja, capella; a qual foi constituida em parochia no anno de 1566 pelo cardeal infante D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa.

Os *paços de Santos* eram considerados como palacio de campo, pois estavam afastados da cidade, cuja porta para aquelle lado, chamada *porta do Corpo Santo*, ficava no sitio que ao presente é o largo do mesmo nome. Além de D. João II, tambem os reis D. Manuel, D. João III e D. Sebastião residiram em varias occasiões n'este palacio.

Nos fins no seculo XVI, ao tempo em que o dito padre escrevia, ou pouco antes, as commendadeiras de Santos o Novo reclamaram do governo, como propriedade que lhes pertencia, o palacio anteriormente convento de Santos o Velho. Ao cabo de muitas duvidas e difficuldades foi-lhes deferida a supplica, e obtiveram licença para vender o mencionado edificio ao commendador D. Luiz de Lencastre, filho de outro D. Luiz de Lencastre, neto de D. Jorge, duque de Coimbra, e bisneto del-rei D. João II. D. Luiz fez do convento palacio da sua habitação. Hoje vemol-o reedificado pelos seus herdeiros e representantes, os srs. marquezes de Abrantes, que todavia deixaram em meio as obras que n'elle projectaram.

Fundou el-rei D. Manuel os *paços da Ribeira*, que occuparam primitivamente parte do lado do norte do Terreiro do Paço, no logar em que ao presente estão a casa da camara municipal e o palacio da secretaria da justiça, e que muito posteriormente se estendeu pelo lado de oéste da mesma praça, até se ir espelhar e banhar no Tejo. Foi a principal residencia dos nossos soberanos até que o reduziram a completa ruina o terremoto e incendio de 1755. Este palacio e o de Xabregas são os dois da beira mar de que falla o padre Sande.

D. João III morou n'estes dois palacios e no *dos Estáos*. Os *paços dos Estáos* [1] não tornaram a servir de habitação real depois da sua morte. O santo officio, estabelecido n'este palacio por aquelle monarcha, achava-se na posse definitiva d'elle no anno de 1584.

[1] Vid. a historia e descripção d'este edificio a pag. 33 do vol. actual.

Já então lhe davam o nome de *paços da Inquisição*.

Attentas estas razões não podêmos contar os *paços dos Estáos* como palacio real nos fins do seculo XVI. Comtudo o padre Sande conta-o como tal, sem duvida porque, alcançando ainda o reinado de D. João III [1], conheceu aquelle edificio servindo de habitação regia.

O *paço de Xabregas*, fundado pela rainha D. Leonor, viuva de D. João II, e irmã del-rei D. Manuel, apesar de vir para a coroa por morte da fundadora, e n'elle assistirem por vezes D. João III, sua mulher a rainha D. Catharina, sendo regente do reino, na menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, e este monarcha depois de empunhar as redeas do governo, apesar de tudo não devia ser contado entre os palacios reaes de Lisboa em 1584, por se achar n'aquella era a muita distancia da cidade, a qual acabava no sitio em que está a fundição, onde tinha a *porta da Polvora*. Além d'isso enganou-se o padre Sande, dando por fundador d'este palacio a D. João III, que apenas o herdou de sua tia. [2]

Quanto ao quinto palacio não sabemos como nos havemos de accommodar com a asserção do auctor. Esse palacio de que elle falla era o que foi do infante D. Henrique, duque de Viseu, e que este principe, tendo já a sua residencia permanente em Sagres, no Algarve, doou á universidade de Lisboa para estabelecer n'elle as suas escholas, como se effeituou. [3] O infante D. Henrique morou por muito tempo n'aquelle palacio, que elle reedificou e augmentou.

Anteriormente era uma casa de muito modesta apparencia, na qual se alojaram, todavia, uma ou outra vez alguns dos nossos primeiros reis. Porém não podia ser considerada palacio real posteriormente áquella doação, e muito menos depois da ultima mudança da universidade para Coimbra, em 1537, por quanto o edificio que deixou vago foi nos primeiros tempos applicado a usos bem humildes, pois que até serviu de cadêa aos condemnados a prisão perpetua, por delictos contra a religião, e depois foi vendido pela universidade de Coimbra, ficando desde então propriedade particular.

A mesma rainha D. Leonor, logo depois de enviuvar, edificou outro palacio para sua residencia, onde viveu alguns annos antes de erigir o de Xabregas. Chamava-se aquelle, *paços de Santo Eloy*, por estar tão proximo do convento d'esta invocação, pertencente aos conegos seculares de S. João Evangelista, que se communicava com a egreja por meio de um passadiço. No logar d'este palacio está agora, segundo parece com muita probabilidade, a casa nobre que tem por baixo o *Arco das Damas*, que dá passagem á rua do mesmo nome.

Não sabemos ao certo se os *paços de Santo Eloy* ainda eram propriedade real em 1584. Devemos porém crer que assim era, visto que o padre Sande os nomêa pelo sexto palacio real de Lisboa.

De tudo o que deixâmos exposto concluimos, que dos seis palacios reaes de que trata o padre Sande, só a quatro era devida aquella denominação, a saber: os paços da Ribeira, da Alcaçova, de Santo Eloy e de Xabregas. [4]

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

52.º

No *Compendio de heraldica e armaria Portugueza*, que ainda conservo inedito, puz a seguinte nota á palavra *herauto*, onde exponho duvidas que podem ser resolvidas pelos estudiosos da lingua patria, sendo-lhes communicada pelo seu jornal. — *F. J. d'Almeida*.

«N'alguns diccionarios portuguezes se encontra esta palavra escripta *Arauto* e não *Herauto*, e não só em diccionarios, mas tambem em quasi todos os documentos e papeis que tratam de tal emprego, não exceptuando até os documentos officiaes.

Se comtudo nos considerarmos no caso de poder arrostar com a opinião de tão respeitaveis auctores, nem tão pouco nas circunstancias de emendar a pratica seguida, duvidâmos comtudo de qual sería a razão que auctorisasse a escrever *Arauto* e não *Herauto*, quando tudo nos leva a crer que a palavra deve ser esta, e não aquella. Primeiro, porque sendo sem contradicção a França o berço da sciencia heraldica, e sendo alli, com especialidade, que nós os portuguezes fomos aprender, tanto esta sciencia como as palavras que lhe dizem respeito, chegando a ponto de as usarmos taes quaes ellas se escrevem no francez, por não termos em portuguez vocabulo equivalente, o que já foi confessado por Pedro de Sousa Castello Branco, e em geral reconhecido e acceito por todos os escriptores que tem tratado mais ou menos da arte do *blasão*, parece por isso que, admittindo este principio ácerca de outras palavras, com toda a razão se devia guardar n'esta, quanto fosse possivel, a sua orthographia respectiva, até pela razão de ser nome proprio de um emprego que nós não possuiamos antes do estabelecimento da *Armaria*, e que só o conhecemos e adoptámos com o estudo da sciencia creada em França.

Em segundo logar, se nós traduzimos a palavra franceza *Heraldique* pela palavra portugueza *Heraldica* para expressar a sciencia de *Herauto*, julgâmos, que por isso mesmo não devemos escrever *Arauto*.

Submettendo esta nossa humilde opinião ao estudo e reflexão das pessoas entendidas, esperaremos que nos demonstrem as boas razões que auctorisem o contrario, e convencidos por ellas, desistiremos da duvida que nos suscitaram as razões expendidas, corroboradas pelas explicações que ácerca da mesma palavra encontrâmos no diccionario de Fonseca, quando escrevendo *Herauto*, diz significar rei de armas, e bem assim no diccionario de Moraes, que apresentando a palavra *Herau* auctorisada por Damião de Goes, chronista-mór, a pag. 4 § 86, nos diz ser o mesmo que *arauto;* o que tudo visto, nos levou a crer, ser justa a nossa duvida, porque *Heraut et Roi d'armes*, em francez, eram e são a mesma coisa, com a differença, sómente, d'estes serem mais graduados que aquelles.

Quanto porém á palavra *Herau*, servindo ella para mais basear a nossa opinião, não julgâmos comtudo que seja essa a mais exacta expressão, por se achar a sua orthographia um pouco forçada.

Além de todo o exposto, é forçoso notar, que todas as nações dão principio a esta palavra pelo H; em allemão se escreve *Heere-ald;* em francez, *Heraut;* em inglez, *Herald;* e em hespanhol, *Heraldo;* o que faz crer não ser justo que em portuguez se escreva *Arauto;* por isso mesmo que todos foram imitar e derivar do allemão o nome de um emprego que, sem contradicção, foi alli que se creou, pois que todos os auctores são concordes em que foi na Allemanha que primeiro se estabeleceu a *Armaria*, assim como são do mesmo modo conformes em que foi *Menestrier*, em França, que a reduziu a regras certas e a elevou á cathegoria de sciencia.»

Os vicios nos reis são como os eclipses do sol, que de todos são vistos e notados.

P. JOSÉ PEREIRA BAYÃO.

---

[1] O padre Sande entrou na companhia de Jesus na casa professa de S. Roque de Lisboa no anno de 1562, cinco annos depois da morte de D. João III, e falleceu em 1600.

[2] Vid. o que mais dizemos d'estes paços a pag. 182 do vol. IV.

[3] Vid. *Paços da Universidade* a pag. 335 do vol. V.

[4] Acerca dos palacios reaes que posteriormente se edificaram veja-se o que escrevemos a pag. 182 do vol. IV.